

Editorial

Há muito pouco tempo, num programa televisivo, João Barroso vaticinava um futuro para a educação escolar em Portugal como um regresso ao passado! Deste modo, reconhecia a enorme ofensiva que se perspectivava a quanto, apesar de tudo, foi o que foi ficando como ganho de uma educação democrática. Mais ou menos explicitamente, aludia ao acesso a oportunidades educativas, inovações curriculares, democratização e gestão das escolas, participação das famílias e das comunidades, etc. Efetivamente, aí está o empurrar continuado e reacionário da escola cada vez mais para dentro de si própria, mexendo principalmente nos currículos para que ela de lá não saia, através de um aportuguesado “regresso às bases”.

Quanto à educação de adultos, pura e simplesmente desapareceu das políticas públicas. Em certa medida, e paradoxalmente, desejámos até que assim sucedesse, porque receamos que qualquer mexida, de tão negativa, seja ainda pior, muito pior, do que a omissão.

Percebe-se agora, mais do que nunca, a educação de adultos como política pública permanentemente adiada. Teme-se o seu sentido humanista, de libertação e de autonomização das pessoas e das comunidades em que a projetaram e afirmaram princípios e práticas alternativos.

Neste campo, como no da educação escolar, a intervenção governamental é desfazer, com pretextos ideológicos que não deixam dúvidas, sem qualquer sentido crítico, de forma muito mais do que conservadora, inteiramente reacionária, também neste domínio.

Por mais razões que tenhamos para a crítica das políticas públicas precedentes e, principalmente, daquilo que representou, a muitos títulos, uma tecnicização e despolitização da educação de adultos, como reconheceu Lício Lima e aqui refere, em entrevista, Alberto Melo, corremos o risco de termos alguma saudade delas. Pesem, embora, a oportunidade, e mesmo a veemência, das críticas, a educação de adultos, ainda que timidamente, e confundindo, frequentemente, formação e qualificação, estava na agenda. E se na estratégia e em muitos projetos a perspectiva economicista era marcada e clara, ainda que algo residualmente, é certo, havia espaço para a diferenciação. Onde se procurava controlar e reduzir tudo à estratégia do “ter” era possível o “ser” como princípio, parafraseando Rui Canário. Trabalhar o saber e desenvolver, capacitando e autonomizando, ao mesmo tempo inovando socialmente, fundamentou alguns projetos e iniciativas de vincada utilidade social e comunitária.

Face ao atual quadro sócio-político, nacional e internacional, nunca, provavelmente, a educação de adultos foi tão necessária e premente. Para resistir, subscrevendo as palavras de Alberto Melo, despertando consciências críticas, construindo socialmente cidadãos e cidadãs capazes de enfrentar o rolo compressor em que se tornaram a economia (principalmente a finança) e a política, atualmente. Por isso, editamos este número da *Aprender*. Para manter viva a problemática e reabilitar o debate e a discussão, mas, principalmente, neste ambiente adverso, para que os projetos não esmoreçam.

A
P
R
E
N
D
E
R